GERAÇÕES DIFERENTES E FORMAS DE AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Auríbio Farias Conceição (Letras – UEPB)
auribiofarias@yahoo.com.br

Resumo:

O trabalho pretende analisar um conto de Marcelino Freire intitulado a volta de Carmem Miranda. A análise seguirá o olhar de um ancião gay sobre as mudanças ocorridas na cidade contemporânea em relação às formas de afirmação de identidades por parte dos jovens gays. O trabalho, no entanto, não pretende discutir a questão de gênero, mas refletir as formas de busca de reconhecimento de movimentos sociais contemporâneos, à luz da teoria do reconhecimento proposta por Axel Honneth e dos estudos de Alberto Melucci sobre movimentos sociais nas sociedades complexas, inclusa nestes a categoria juventude.

Palavras-chave: Gerações, identidades, cidade contemporânea.

Esse trabalho se propõe a fazer uma análise crítico-literária do conto **A volta de Carmem Miranda,** do escritor pernambucano radicado em São Paulo, Marcelino Freire. A narrativa desvela insatisfações de um ancião homossexual em relação à forma como homossexuais jovens vivenciam encontros amorosos bem como às tentativas de dar visibilidade a essa condição. Embora sigamos o olhar do personagem, o foco desse trabalho não se situa em uma discussão de gênero, mas refletir formas de busca de reconhecimento na cidade contemporânea.

O conto tem início com o questionamento do narrador-personagem sobre a exposição pública da homossexualidade através da carícia, do beijo, ou do simples pegar na mão do namorado.

"Meu tempo era outro tempo".

"Era tudo mais romântico". Nesse seu tempo o narrador-personagem namorava escondido. Os lugares escolhidos eram a boate, o cinema, lugares ermos nos parques, banheiros públicos, quartel, praia. O amor acontecia em espaços fechados, sutilmente a paquera em lugares públicos para em seguida se buscar o escondido.

Aqui é importante ressaltar a relação que a personagem mantém com o espaço. Os encontros nos lugares citados são potencializados por uma aura de romantismo. Portanto esses lugares fechados eram os adequados para os encontros. Isso significa dizer, por exemplo, que a boate e o cinema, segundo a topoanálise (termo cunhado por Bachelard e se refere ao estudo do espaço na obra literária) constituíam

ambientes, uma vez que estes estão impregnados de um clima psicológico. Conforme o narrador-personagem esses espaços, constituíam a atmosfera ideal para encontros intensos e discretos. E essa sensação de "interdito" dá o tom das relações. Assim como o cinema, a boate, outros locais eram impregnados dessa aura e a busca, ou a "caça" era realizada sob várias expectativas, sobretudo a de encontrar no "outro" uma forma de reconhecimento.

Parece querer dizer o narrador-ancião que intersubjetivamente os encontros amorosos nesses *ambientes* elevavam auto-estimas e confirmavam identidades. A aceitação mútua da condição homossexual e a abertura para viver paixões eram sinais de que havia um mundo paralelo no qual era possível o prazer e a felicidade. Havia alegria nessas situações. Era como se fossem guardiães de uma sexualidade conhecida desde os primórdios, que todos sabiam da existência, entretanto era preferível manter suas práticas em sigilo. Essa forma de vivenciar a sexualidade não parece ser, ao narrador, conivência com a discriminação ou uma forma de exclusão, mas a compreensão de que existem diferenças e cada um deve buscar os seus "iguais" e assim reconhecerem seus mundos para ali viverem.

O mundo diferente

Além de revelar que havia respeito e mais sentimento no seu mundo de então, a personagem aponta outros aspectos responsáveis pela metamorfose:

> "Você liga a televisão, aquele Carnaval. Febre de silicone, não. Não entendo. Apresentadora perguntando: 'Qual o tamanho do seu pau?'. Uma esculhambação. Bunda em banca de jornal. Você viu quem saiu nu? O jogador do Cruzeiro do Sul" (FREIRE, 2003, p. 64).

Ao que isso indica, as formas de viver as identidades à época citada pelo narrador como o "seu tempo" eram diferentes, mesmo que pareça haver uma homogeneidade comportamental por parte dos homossexuais e da sociedade como um todo. E essas transformações pelas quais passou o mundo foram resultado da revolução política, sexual, cibernética, genética. Conforme BAUDRILLARD (1990, p.27 a 32) após esse período que chama da orgia se vive uma espécie de confusão marcada pela artificialidade. Esta tem na figura do travesti sua metáfora. A febre do silicone referida pela personagem parece indicar essa dificuldade de se buscar o sentido último das coisas. É mais simples a encenação e a preocupação com a imagem, o visual, a performance do que a busca de um estado ideal de viver o prazer em plenitude. Uma espécie de investimento ingênuo em uma imagem publicitária para a qual, cada um se torna seu próprio empresário. Tal acontece pela falta de tempo de

se buscar na memória ou em um projeto futuro uma identidade. Essa androginia, esse hermafroditismo está presente na arte, na política, na sexualidade.

A artificialidade de que fala o sociólogo francês se manifesta na incapacidade de responder a perguntas como: *onde está minha vontade própria? Que quero de fato e que tenho direito de esperar de mim mesmo?* A angústia da instantaneidade identitária parece levar a uma indiferenciação política. Talvez essas considerações ajudem a entender o mundo diferente que o narrador questiona. Mundo esse que apresenta maneiras diferentes de vivenciar identidades.

A invisibilidade da condição homossexual, segundo o narrador, era tacitamente pactuada pelos mesmos. Cada um era o que era e pronto. Não precisava levantar bandeira. No entanto a personagem não consegue aceitar as aglomerações nos shoppings, as passeatas na cidade contemporânea. Assim o ancião não se conforma com tais práticas e parece não entender o que ocorre na atualidade. As categorias tempo e espaço foram afetadas profundamente, por conseguinte as formas de se relacionar nos espaços urbanos nos tempos atuais também estão mudando profundamente.

Cidade contemporânea

Conforme Alberto Melucci (1996, p. 11-32) a cidade contemporânea é cognominada quase sempre em referência à moderna. Chama-se sociedade pós-moderna, pós-industrial, complexa. Na cidade contemporânea, aqui sinônimo de sociedade complexa, se instalam três processos sociais fundamentais, de acordo com Melucci, a saber: **diferenciação, variabilidade e excedência cultural.** O processo de diferenciação se dá por existirem múltiplos espaços de experiências individuais e sociais que se organizam cada um através de lógicas diferentes, formas de relações, culturas, regras diversas de outras, linguagens que caracterizam cada um desses âmbitos. Exemplos: os shopings, os mercados públicos, as favelas. Em recife o shoping Boa Vista vem se tornando nos últimos anos um espaço de convivência das diferenças. Ali se podem ver aglomerações de homossexuais que se assumem como casal, grupos de portadores de necessidades auditivas que se comunicam através da linguagem de Libras, etc. Assim cada espaço social constitui seus modelos de ação e se passarmos de um âmbito a outro não podemos transferir os modelos de ação do âmbito anterior, mas assumir um modelo de ação próprio do sistema no qual ingressamos.

Outro elemento que Melucci assume como característica da complexidade é a variabilidade dos sistemas. A velocidade e freqüência das mudanças. Por conta da rapidez das mudanças não conseguimos transferir o modelo de ação porque o que serve para um tempo não serve para outro. Aqui reside uma das dificuldades do ancião.

Uma terceira característica é a excedência cultural, ou seja, um sistema complexo coloca para o indivíduo possibilidades de ação em quantidade excessiva, quando a capacidade de efetivação dessas ações por parte do indivíduo é bem menor. Ex: as possibilidades de conhecimento, as diversas áreas de atuação profissional, de leituras, etc.

Esses três elementos caracterizadores das sociedades complexas geram nos atores sociais uma permanente condição de incerteza. Buscamos fazer escolhas e tomar decisões numa sucessão de relações quase circulares. Isso torna a vida social menos natural e mais um resultado de ações e relações.

O que vem a reduzir a incerteza é a informação, no entanto a cidade contemporânea vive "conflitos que dizem respeito à capacidade ou à possibilidade dos atores de definirem o sentido das suas ações" (1996, p. 24). Se na modernidade os conflitos eram basicamente dois: de classes e de inclusão de categorias excluídas da cidadania, continua Melucci, no sistema complexo os conflitos gerados pela incerteza tiram a autonomia dos atores sociais. E é por esta via que se dá o controle social: a manipulação da informação, a tomada de cérebros no campo das batalhas simbólicas.

Beatriz Furtado exaustivamente descreve como o cotidiano urbano é articulado pelos artefatos eletrônicos. Não se pode ignorar "as cidades virtuais como se fossem um mundo isolado" (2002, p. 17). Os territórios urbanos deixam de ser dimensionados apenas pelos aspectos físicos e geográficos, mas também pelo "conjunto de signos sujeitos a interpretações, como âmbitos das disputas simbólicas" (2002, p.20). Considera ainda a autora que os meios eletrônicos exercem um poder enorme nas sociedades contemporâneas, sobretudo pelo poder de manipular a representação do tempo e do espaço.

O personagem narrador do conto entende a passeata, a chamada Parada da Diversidade, como um levantar bandeira, todos pela causa. E acha que esse fenômeno da contemporaneidade é destituído de sentido. No entanto não devemos nos apressar em julgar nosso personagem ancião, uma vez que ele parece querer dizer do primitivismo de na contemporaneidade ser necessário uma mobilização coletiva para que se discuta o respeito à diferença.

Evoco mais uma vez Beatriz Furtado que fala da manipulação do tempo e espaço, e Melucci que fala da manipulação da informação para frisar a manipulação que a TV faz dessa parada. Tudo parece ser apenas um carnaval. Na maioria das

vezes o assunto é tratado com desrespeito. Sem contar que a parada GLS é GLSTUVXZ. E que nestas se imbricam vários aspectos identitários que dizem da complexidade da nossa contemporaneidade.

Bauman coloca uma questão no seu livro **identidade** que ilustra o que foi dito acima**.** Relata que uma colega de trabalho "se queixou de que, sendo mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, estava sobrecarregada de identidades demais para uma só pessoa." (p. 19) Pergunto o que dizer nesse sentido de uma mulher, brasileira, nordestina, negra, pobre, homossexual, professora de escola pública?

Baumam fala de um estar parcial ou totalmente "deslocado" em toda parte e não estar totalmente em lugar algum. Segundo ele sempre há algo a explicar, desculpar, esconder ou pelo contrário corajosamente ostentar, negociar, oferecer, barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras.

Exclusão e minorização

A questão fundamental em relação a essa temática é qual o espaço do eu e do outro? Qual a medida da liberdade individual? E se antes a desigualdade sócio-econômica promovida pela exploração, a marginalização e a pobreza se constituíam em formas de controle social, na sociedade contemporânea a injustiça primordial além de sócio-econômica é também simbólica. Essa injustiça simbólica se caracteriza pela hostilidade, pela invisibilidade social e pelo desrespeito. Tal acontece em virtude da associação de interpretações ou estereótipos sociais que se reproduzem na vida cotidiana ou institucional. Este tipo de comportamento implica no prejuízo da auto-estima de indivíduos e grupos, mediante processos intersubjetivos.

Conforme MATTOS (2006), Axel Honneth entende serem três os as formas de desrespeito. Identificadas, ele procura medir seus efeitos e pensa em formas de combatê-las. A primeira é a tortura. Nela o indivíduo perde a autonomia sobre o corpo e o efeito é a destruição da autoconfiança na relação prática do indivíduo. A segunda se dá na esfera do direito. O indivíduo é ferido na expectativa intersubjetiva de ser reconhecido como sujeito de igual valor. Isso abala o valor do auto-respeito, é uma ofensa social, questiona a estima social do indivíduo. Este perde a capacidade de se entender como um ser estimado por suas características e propriedades. Honneth prossegue mostrando que nas ações motivadas para o sucesso o fracasso pode advir por resistências imprevistas no campo das tarefas a serem cumpridas e pela violação das normas morais, e isto leva as pessoas à indignação. Também os sentimentos de vergonha e desprezo possuem um potencial para desencadear lutas por

reconhecimento, contudo, isso irá depender da esfera social à qual os indivíduos estão envolvidos.

A condição básica para que o desrespeito se transforme na motivação para resistência política é a articulação de um movimento social. O que se infere dessa afirmação é que nem todas as formas de desrespeito, que merecem uma luta por reconhecimento, encontram eco em outras pessoas. Conforme Honneth a condição necessária para que o privado se torne público é que seja possível uma generalização. O surgimento dos movimentos sociais depende de uma semântica coletiva, isto é, de que a ofensa que sinto ressoe da mesma forma ou de forma parecida para outros sujeitos. A dimensão do auto-respeito é resgatada na participação em um movimento social. A aceitação por um grupo na luta política restitui ao indivíduo um pouco do seu auto-respeito negado.

Marcelino Freire

O que dissemos acima é suficiente para podermos perceber que o conto de Marcelino Freire desvela uma cidade contemporânea em que há personagens diversos em busca de afirmação de identidades, onde suas cidadanias culturais sejam amplamente respeitadas. Nos conflitos da cidade contemporânea os atores são indivíduos ou grupos que atingem certo contingente de autonomia. Outro fato importante é que os conflitos se apresentam na esfera do cotidiano e envolvem relações interpessoais, sexualidade, identidade pessoal, vida afetiva.

Se o personagem, nosso ancião, vive um conflito na contemporaneidade por ter sempre escolhido a invisibilidade, e nela encontrar proteção, alegria e mais sentimento, por outro Lúcia Castro diz que

> A visibilidade parece ter se tornado uma das formas mais importantes de obter reconhecimento no contemporâneo das cidades. Ao se provocar o olhar do outro sobre si mesmo, ao se destacar da multidão sem contornos, eis que surge o eu, agora que confirmada sua existência (CASTRO, 2004, p. 165)

Esse eu que surge é seminal e indica que a "identidade" é algo que se constrói, um processo e não algo a ser descoberto. Ao dar voz ao narrador-personagem e construir a narrativa tematizando suas inquietações, o texto literário surge como materialização de uma falta. Os personagens que não são nominados, mas que se fazem presentes por ocupar os espaços públicos, formarem passeatas, fazerem filas nos shoppings constituem o contingente de minorização e se estruturam no conto como um caso paradigmático e crítico. Quando aqui se fala de minoria, se faz referência a um grupo alvo de exclusão que compõe uma sociedade complexa e busca

igualdade de direitos e de oportunidades e deseja ser reconhecido em suas diferenças. O conto é uma espécie de crônica da contemporaneidade. É importante também frisar que ocupam o centro do conto personagens historicamente periféricos. Portanto a obra literária apresenta-se como luta. Nela parece estar semiotizada nos personagens e em suas relações com o espaço-tempo uma política da escrita. A linguagem utilizada, tendo como referência a oralidade, o poema declamado, é constituída por uma habilidosa associação entre conteúdo e forma. E essa forma condensa e potencializa o conteúdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaio sobre os fenômenos extremos. Trad. Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CASTRO, Lúcia Rabelo. **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Fotografia Carolina Lampreia. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

FREIRE, Marcelino. **Balé Ralé**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

FURTADO, Beatriz. **Imagens Eletrônicas e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Trad. Luiz Repa. São Paulo: editora 34, 2003.

MATOS, Patrícia. **A sociologia política do reconhecimento.** São Paulo: Annablume, 2006.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Trad. M. do C. Bomfim. Petrópolis: vozes, 2001.

_____ **Movimentos sociais na contemporaneidade**. São Paulo: Puc-SP,1996.